

RELIGIÃO E CULTURA CRISTÃ: HISTÓRIA DE DOAÇÃO E RESISTÊNCIA

RELIGION AND CHRISTIAN CULTURE: A HISTORY OF DONATION AND RESISTANCE

Prof. Dr. Antônio Marques do Vale

Licenciado: Ricardo Richene de Goes

Resumo

O texto tem como objeto a religião enquanto promove ações de amor e resistência perante violência e injustiças, ações a partir de análises bem fundamentadas; nesse sentido, são apresentados cristãos sinceros com a realidade, tornados, depois, figuras paradigmáticas. A existência de muito fechamento ao clamor dos oprimidos problematiza estes pesquisadores que, metodicamente, retomam o entendimento crítico-dialético do “círculo hermenêutico” (excelente leitura em Juan Luís Segundo); assim, em vez de consenso interessado, a pesquisa, bibliográfica, enfatiza a dialética superação conforme o seguimento sincero de Jesus de Nazaré e também defender a crítica interlocução com as diferentes áreas das ciências humanas, inclusive religiosas. Como referencial teórico, assume a fenomenologia em diálogo produtivo com o marxismo (Gramsci) e a hermenêutica (Gadamer e Ricoeur). Resulta do trabalho o convite aos cristãos - especialmente pentecostais – a reverem posições dicotômicas pouco sinceras com a realidade (Zubiri).

Palavras-chave: religião; resistência; fenomenologia.

Abstract

This text has as its object religion as far as it promotes actions of true love and then resistance in front of violence and injustice, actions grounded all they on good analysis; in this sin, the text brings the names of Christians who were sincere to reality, Christians taken then as paradigmatic figures. The existence of people which remain closed to the oppressed ones favor an important problematic to this research, and then, methodologically, the authors take the “hermeneutic circle” under a true dialectical vision (the excellent reading of Juan Luís Segundo); instead of an interested consensus, this bibliographical research is emphatic in defending sincere positions on the following of Jesus of Nazareth and also in defending a critical debate with different themes and disciplines of the human sciences, religious themes principally. As a theoretical reference, the researchers subsume phenomenology in a productive dialog with Marxism (Gramsci) and Hermeneutics (Gadamer and Ricoeur). As a result, this work puts a challenge to the Christians – to Pentecostals specially – in order to see them revising every dichotomy and position insincere before reality and injustice (Zubiri).

Keywords: religion; resistance; phenomenology.

Considerações Iniciais

Neste trabalho, se trata do complexo tema da resistência, de modo que se repõem as questões teológicas da justificação e da graça, da relação fé e obras, da espiritualidade autenticamente cristã, e de modo que se examinam, ainda, estas afirmações: que a religião, instituição religiosa ou pessoas como tais não se intimidam perante a perseguição porque os fiéis estão convencidos de se encontrarem amparados por Deus e porque grupos e pessoas estão chamados a se comprometer, organicamente, com o serviço de amor e com a superação das injustiças.

Um problema fundamental é o de que, frequentemente, o mundo está cobrando fé e também ação correspondente dos cristãos e de suas instituições. Esses e essas contam com figuras paradigmáticas, pessoas que agiram conforme as Sagradas Escrituras e que, honestas com a realidade, deram da vida e a própria vida por um mundo mais justo. O problema reaparece quando desponta a censura de que os cristãos têm ótimos líderes, mas não os seguem e então o fechamento obriga a melhor refletir sobre as diversas possibilidades. O contexto que nos atrai é o das discussões numerosas quanto à unidade dos cristãos, ao desejo do ecumenismo, da melhor relação e amor desejáveis entre os cristãos, católicos, protestantes e modernos grupos de variadas denominações. Uma ênfase nas reflexões conduz a examinar as dificuldades do pentecostalismo com exigências da caridade em geral, como o envolvimento nos problemas sociopolíticos, com estudos teóricos que apreciam validamente as diferentes ciências sociais e humanas. Metodologicamente, aqui, os autores aceitam em parte a crítica marxista à religião; mas se fundamentam, sobretudo, nas propostas da Fenomenologia, que implicam no ser honesto com a realidade, no respeitar abordagens religiosas e no buscar análises profundas. Nesse sentido, importante a apresentação do “círculo hermenêutico”, conforme Martin Heidegger e o jesuíta Juan Luís Segundo para consolidar esta perspectiva: a seriedade com que todos, cristãos ou não, se têm de aplicar ao diálogo.

Resistência e uma metodologia fenomenológica

O mundo acaba precisando de testemunhos de fé, de gente capaz de resistência, de firme e amorosa doação a toda gente, aos povos. Sem dúvida que sim. Mártires da fé cristã, Paul Schneider, Dietrich Bonhoeffer e Dom Oscar Arnulfo Romero, homens da oração e da

santificação – mas não só, também da expressão - caminharam conscientes para o martírio, martírio distinto em cada um dos casos, e diferente nas diferentes situações; eles são exemplos de “cristãos resistentes e perseguidos” conforme lembra Jürgen Moltmann¹. Nesses mártires mencionados, na resistência das Igrejas, na firmeza de uma fé bem autêntica, na fidelidade ao povo dos pobres - mesmo se diante da secularização e do Estado opressor, e então diante do horror da existência nos atropelos e nos campos de concentração de ontem e hoje -, é historizado o conjunto das virtudes teológicas, fé, esperança e caridade; nesses mártires, paixão amorosa e enfrentamentos corajosos implicaram a “perda da vida” e a “perda de energia” no evangélico “amar até o fim” (Jo. Cap. 13; v1).

Do meio de muitas comunidades cristãs, seja mesmo dentro de denominações confessionais minoritárias, surgem impressionantes testemunhos de confessores e também de mártires; e o mundo lhes fica, ou bem cedo ou só mais tarde, muito reconhecido. E sem desfalecimentos na gratuidade, graças a testemunhos até variados, se aprende a ir por esse caminho de obediência da fé, fé cristológica que implica um etos, uma postura ética pública; postura e ação ao jeito de Jesus mesmo². Do lado católico, bem modestamente, um teólogo brasileiro assim se exprimiu num de seus artigos: tem de prosseguir no caminho, “acreditamos que o Evangelho faz bem ao mundo”. Mundo que, finalmente, agradece pelo que pode historicamente contemplar e colher: uma empiricidade fundamental, que afinal não deixa de se impor com inserção histórica, e que sempre reaparece associada com as especulações e reflexões sobre o obrar cristão. Há júbilo, sim, pela “nuvem de testemunhas” (Heb. 12,1), o que implica em retornar à insistência sobre o Jesus histórico e o seguimento. Desse modo, então, é difícil e até inadmissível que alguém possa rejeitar, em sã consciência, ao mandamento de praticar boas obras; quanto às obras, obras de justiça, misericórdia e solidariedade, não há dúvida que os cristãos são cobrados constantemente, como demonstram os termos significativos de censura herdados de Mahatma Gandhi e dos escritos do francês Roger Garaudy. Agir sem medo, mediadora da graça na história, e não desfalece na rejeição ou na perseguição, na “hora das trevas” ou quando Deus silencia.

Necessariamente, se trata, nesta pesquisa, de uma metodologia fenomenológica. (Nota: adiante se falará do método fenomenológico, do círculo hermenêutico mais

¹ MOLTSMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 270-275.

² MOLTSMANN, 1993. p. 165.

propriamente...), que pode aprofundar propósitos e desenhar melhores roteiros de vida para pessoas e comunidades, sejam mais, sejam menos cristãs ou religiosas. Apresenta-se aqui, a partir de posição crítica e até mais basicamente católica, um esforço sincero de abertura ao novo ou ao tradicional, um convite ao seguimento de Jesus com frutos válidos de autenticidade cristã, de maior sinceridade com Deus e mais profunda entrega à construção de um mundo mais habitável e mais justo. Destacando-se as obras de amor, fica lembrado que, historicamente, as eventuais, ou até impositivas, rejeição e perseguição têm prevalecido principalmente quando uma pessoa opera, não simplesmente quando pensa. Parte-se do princípio de que a graça de Deus, o seu favor, está no começo e no fim do pensar, do agir e do crer fiéis, donde dizer-se que o homem é bom e não está totalmente afogado no pecado, incapaz de atividade para o bem, mas que tem só de agradecer e então se tornar graça para os demais. Graça de Deus, portanto, também a de permanecer junto da cruz do Senhor e dos irmãos. Karl Barth é simplificador, nas suas primeiras obras, quando julga radicalmente más a religião e a ação religiosa³.

Exemplos bíblico-cristãos de prática das obras de misericórdia e justiça

A referência ao operar cristão ressalta figuras paradigmáticas - pessoas grandes em obras – que permanecem como acicate, exemplo e consolação. O eminente teólogo de língua alemã Hans Küng, sensatamente aberto ao ecumenismo e à crítica pluralidade, como à diversidade cultural, afirmou em diferentes termos que o fundamental cristão é a fraternidade, que “Deus nada quer senão o proveito do homem [...], sua dignidade suprema, [...], o bem do homem ⁴, diga-se de preferência fraternidade cristã, de modo que os humanos, enriquecidos na expressão da fé solidária de quem se aproxima, apareçam com dignidade aumentada. Na correlação com o tratamento dado ao Outro, quer distante quer próximo sociologicamente, alcança um lugar histórico a aproximação do Reino de Deus, ou a pertença ao “Reino que vem”. Jürgen Moltmann, na sua teologia protestante progressista, se revela disso consciente quando cita os martírios de Paul Schneider, Bonhoeffer, Dom Oscar Romero. Das obras escritas de Moltmann, como de Jon Sobrino, Leonardo e Clodovis Boff, Carlos Mesters, José Comblin, e de muitos outros, até mais engajados nos trabalhos pastorais do que nas tarefas da reflexão teológica, se pode recolher importantes textos

³ THILS, Gustave. *Cristianismo sem religião?* Petrópolis: Vozes, 1969. p. 29;31.

⁴ KUNG, Hans. *Ser cristão*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 215.

bíblico-teológicos; abaixo, são arrolados vários textos que foram relidos e aprofundados pelos esforços da pastoral libertadora, num trilhar histórico, em contextos dos mais diversos, e ao mesmo tempo na fidelidade em escutar a leitura vinda de grupos de fiéis e de comunidades de base das paróquias de periferia e das áreas rurais.

Aqui, pois, os textos do Novo Testamento mais frequentemente referenciados em torno o amor ao próximo. Pela brevidade do espaço deste artigo, se prefere omitir as muitas referências do Antigo Testamento quanto ao ouvido que Javé inclina ao clamor do seu povo oprimido; quanto ao pobre, ao órfão, à viúva, ao estrangeiro; quanto à violência e espoliação da terra e do trabalho (Jeremias, Amós), quanto à exigência imposta pela carência de cada oprimido no que se refere a uma digna sobrevivência, inclusive a falta de salário justo (Isaías); quanto à provisão do alimento mínimo (o respigar lembrado na pessoa de Ruth); e ainda quanto à legislação em relação ao sacrifício, ao respeito pela situação de carência dos fiéis mais humildes (a medida proporcional às possibilidades no dízimo e na doação para o templo). Referenciamos, aqui, a abundância de textos do Novo Testamento dos quais é dado experimentar vivamente o ser solidário do próprio Jesus e da comunidade primitiva; são parábolas, discursos e até invectivas, numa riqueza de indicativos e até de imperativos: as parábolas da misericórdia do capítulo 15 de Lucas, entre as quais apraz destacar, aqui, um aceno à pobreza do jovem migrante, junto com a atenção sem preconceito perante o jovem pródigo e desperdiçador decaído e mesmo perante o irmão armado de raivas e ciúmes; a incomparável narração sobre o amor misericordioso do samaritano e sobre o desamor do levita e do sacerdote; o enaltecimento solidário das pessoas como sejam o pecador em geral, o cobrador dos impostos, a prostituta, o cego e o coxo e o leproso, gente que passará adiante dos mais fiéis presunçosos ao ingressarem no Reino; o “sermão da montanha”, que exalta como bem-aventurados os pobres e os que se empobrecem por causa de melhor servir; de modo geral, a exigência evangélica para os seguidores de Jesus de Nazaré, no caminho estreito da vivência dos seus discípulos; para eles, os muitos textos sobre a vigilância em bem servir, o serviço aos oprimidos, a doação da vida, sobre a reprovação da hipocrisia farisaica, e enfim o julgamento final em Mt. Cap.25, na verdade, julgamento cotidiano que a história faz em torno ao amor a todos os necessitados do mundo.

Sabidamente marcada por tropeços vários, a Igreja – então merecedora de severa censura que a julgava – também foi (estilo apocalíptico e na linguagem do Apocalipse de João) igualmente consolada e, mesmo limitada – povo santo e pecador -, aprendeu a zelar

pelo reavivamento de boas regras que favorecessem a fidelidade de pessoas e de comunidades. Um exegeta e pastoralista luterano, Philippe Menoud, recordou de modo até comovente as “quatro perseveranças” dos Atos dos Apóstolos (At. Cap.2; v.42); o exemplo dos primeiros cristãos e o seu ideal valem hoje como advertência e estímulo, como insistente convite à palavra, à fraternidade compartilhada, à “fração do pão”: eles “tinham tudo em comum”. No Brasil, no início da década de 80, a Campanha da Fraternidade centrada nessas perseveranças dos Atos encontrou eco significativo no meio das comunidades, de certo com impacto social. Relacionada com essas exigências e propostas, há uma insistência na profundidade de opções de Paulo, 1Cor.,11-13, capítulos que tratam prioritariamente da Ceia, da Eucaristia, da sinceridade com o culto, e do amor: pesa (pela radical pertinência) a vinculação com a fraternidade responsável; vinculação claramente expressa em forte censura, como nada podiam trazer de contribuição, se iam as reuniões sem poder partilhar da mesa dos alimentos e ainda com fome; isso é exposto no severo “nisto não vos louvo” (1Cor. 11, 21-22.), como, numa outra ordem moral e litúrgica, na afirmações paulinas de que a caridade é a que permanece para sempre (1Cor.12, 8.13) e de que os dons têm de servir prioritariamente à edificação da comunidade(1Cor.14, 3-5). Por fim, se tem de falar da prática da Palavra (Tg.1,21.27), da especial deferência com os pobres e humildes da comunidade (Tg.2,1-5; 3.14-21): a Carta de Tiago, chamada de modo exacerbadamente polarizado uma “carta de palha”, é constitucional, é referência básica para quem pretende partilhar na Igreja de Cristo.

Cristãos e tradições válidas: questionadas e ainda questionadoras

O Concílio de Trento significou um enorme esforço, no meio de desafios igualmente enormes – estes ainda por examinar e ponderar melhor – por fazer avançar a compreensão bíblico-teológica em torno à graça de Deus, em torno às responsabilidades dos cristãos diante do mundo e da mentalidade renascentista individualista-utilitária, e em torno, também, ao valor de cada pessoa que habita este mundo dos homens. As polarizações, presentes no campo filosófico como bíblico-teológico, deveriam incentivar novas buscas nos tempos atuais, seja pela sincera assunção de textos, tradições e contradições quanto ao acesso à realidade, seja por diálogo efetivo para aprofundar as atitudes de fé e para comprometer com Jesus Cristo, acesso ao Pai, com a vocação da Igreja e com a real existência cristã. As crises no mundo presente poderiam suscitar novas buscas em conjunto

pela compreensão do próprio mandamento do Deus de Jesus Cristo, mandamento que é Graça dele e pode se tornar graça para esse mundo. É possível que fiéis entendimentos de tipo ecumênico possam apontar, não só para melhor união de cristãos sinceros, mas também para repercussões humanizadoras no meio da dilaceração que tão cedo já veio marcar o mundo neste século XXI. Ou não teriam os cristãos o que pensar, dizer e fazer quanto àquilo que contemplam e que de muitos modos invade e machuca suas existências?

Joseph Lortz se serve de extensa bibliografia, incluídas importantes obras de sua própria pena, para elaborar o artigo “Reforma protestante”, publicado no volume quinto da Enciclopédia Teológica *Sacramentum Mundi* (Editora Herder, 1974, dirigida por Padre Karl Rahner, SJ). Com muita prudência e interessante cautela, Lortz inicia o artigo assim:

A reforma protestante foi um fato complexo, não unicamente religioso. Embora Martinho Lutero se ache no centro como *homo religiosus*, não obstante (...) intervieram de muitas maneiras fatores não exclusivamente teológicos: fatores econômicos, culturais (humanismo) e políticos⁵.

Pouco mais adiante, como que reconhecendo culpas e valor de ambos os lados, nesse processo de reforma, Lortz escreve:

(...) podemos hoje dizer: Se houve culpa, foi uma *felix culpa*, visto que os reformadores queriam o puro evangelho, e de fato o ofereceram à cristandade perante graves deformações. Em muitos pontos fizeram valer de novo a antiga verdade católica.⁶

É válido, neste caso, diante dessas expressões, tratar do tema como se houvera um convite a buscar mais profundidade; é como se devesse dizer: “não só, mas também...; então, prossigamos dialogando, discutindo”. A honestidade com as coisas, em termos de investigação, obriga a recordar que, já desde antes do Concílio Vaticano II, numerosos pesquisadores e fiéis católicos procuraram ver Lutero com olhar mais positivo - apesar de escritos de autoria dele que impressionam pela aspereza da crítica diante de “miseráveis condições” - aspereza que herdara de outros, de fato, e que se havia tornado habitual. Tensões várias marcaram essa época, por influências múltiplas que hoje requerem novas análises: “na propagação de movimentos antirromanos influíram fatores teológicos, sociais e políticos”⁷. Tudo isso, convém repetir, deve ser recordado para que se dê lugar, ainda, a melhores atitudes de diálogo e de aprofundamento histórico e doutrinal. Válidas

⁵LORTZ, Joseph. Reforma protestante. In: *Enciclopedia Teológica Sacramentum Mundi*. Barcelona: Herder, 1974. p. 838.

⁶LORTZ, 1974, p. 840.

⁷LORTZ, 1974, p. 842.

contribuições para isso podiam partir do método fenomenológico, e correspondente filosofia, leva a melhor compreensão sobre a pedagogia do “círculo hermenêutico”.

Entende-se, pois, a sugestão de Peter Meinhoff de uma nova disciplina, a *ecclesiológia ecumênica*, ao iniciar-se da segunda metade do século XX; esse teólogo ecumenista confia que tal disciplina, com apoio dos estudos sobre a riqueza de espiritualidade presente nas diferentes Igrejas, e com nova orientação, poderá “(...) também conduzir por novos trilhos as relações interconfessionais”⁸. Meinhoff, de certo, também tentou falar de visões abertas a novas – e complexas–realidades em torno da história e do homem, e disso teriam estado conscientes muitos Padres Conciliares presentes no prolongado Concílio de Trento. Do ponto de vista da Graça, e afinal, hoje, de uma disciplina que tratasse de Deus mesmo e do homem que o escuta e que lhe responde historicamente, cabe passar, de modo geral, às sábias advertências ínsitas no discurso teológico e na espiritualidade de González Faus, como aqui se procura sintetizar. Há um olhar e uma ação de Deus compassivo e benevolente que podem justificar e mudar o homem, livrar esse homem de si mesmo e livrá-lo para os demais, de maneira que surja uma nova humanidade. Para Faus, a Graça não pode ser a afirmação, ao modo das proposições jansenistas, de nenhum privilégio antifraterno ou condenador⁹. Faus prossegue a falar, bem no final de seu livro, de certo testemunho pessoal: apresenta a “experiência da Graça” contra todo “cerebralismo”, seja protestante, seja tridentino. Por fim, insiste em que a “experiência da Graça” pode ser ambígua, donde não dispensar uma boa dose de humilde silêncio e insinuar com a persistência de todas as mediações – sempre incluindo estas certezas da fé: primeira, que “onde abunda o pecado superabunda a Graça”¹⁰, e segunda, que o Senhor que fala “vós sois maus” (Mt.7,11) também pode urgir positivamente com o “sejam perfeitos como o Pai celestial” ou “Misericordiosos como o vosso Pai” (Mt.5,48; Lc. 3,36). De novo, para protestantes, evangélicos e católicos ressoa a intimação a profundas revisões de vida - seja vida pessoal, seja vida comunitária e institucional. A centralidade última caberá à opção preferencial pelos oprimidos e pobres, à gratuidade no meio da realidade e, de modo nenhum, fora da realidade.¹¹

⁸ LORTZ, 1974, p. 626.

⁹ FAUS, José I. González. *Proyecto de Hermano: Visión creyente del hombre*. Santander: Sal Terrae, 1991. p. 423-688.

¹⁰ FAUS, 1991, p. 732.

¹¹ FAUS, 1991, p. 733.

Resistência e martírio: a presença da graça e profetismo na Igreja

Na linha da expressão das contradições e conflituosidades, e jamais descartável numa Igreja convocada ao profetismo, é oportuno abordar a “nuvem de testemunhas”, como escrito na Carta aos Hebreus. São os que testemunharam no meio da perseguição e que resistiram com a firmeza da fé e, na abundância da graça, perseveraram, deram a vida e, no martírio, deram as próprias vidas. Moltmann menciona três figuras: Paul Schneider, Dietrich Bonnhöffer, Dom Oscar Arnulfo Romero y Galdámez.

Conforme Moltmann, Paul Schneider (1897-1939), pastor da Igreja Evangélica Reformada da Renânia - para além de toda prudência e busca de seguranças, mas preferindo atender ao que dizia uma vocação divina a pregar -, afrontou a força e o sistema nazistas. Numa paixão ativa, morreu protestando contra a ordem de extradição.¹²

Mas, interessa aqui abordar Bonhoeffer (1906-1945) mais prolongadamente e a partir das *Letters from the prison* (1959).¹³ Não é bem claro se, dentro do Movimento *Resistance*, Bonhoeffer apenas ajudou pessoas a fugirem para a Suíça ou se também participou de algum modo num complô que tentaria matar Adolf Hitler. O fato é que a sua morte veio quase que por decreto em abril de 1945, sobretudo porque o sistema confirmava a sua participação direta naquele movimento. Temos, nas *Cartas* um testemunho inicial sobre ele, bem como o dele mesmo, respigado de entre os escritos que podia enviar da prisão aos amigos e especialmente a Eberhard Bethge, o editor que, em final de 1944, também foi feito aprisionado.¹⁴

Dos Estados Unidos, onde esteve trabalhando, Bonhoeffer quis voltar à Alemanha, por preferir ficar próximo à sua comunidade, de sua livre vontade, como pastor que era da Igreja da Confissão. Parece ter alguma formação romântica, a ver-se pelo tipo de leituras que fazia e pela amizade, por exemplo, com Walter Benjamin.¹⁵ Na prisão, pede livros, e lhe mandam a Bíblia e Goethe e Plutarco; e chega a recordar Karl Barth. Barth, como escreve o editor Bethge, exerceu sobre Bonhoeffer forte influência; Barth, teólogo reformado, tendia a rejeitar a atividade humana para destacar a pura entrega a Deus e à graça na fé, e por isso

¹² MOLTSMANN, 1993. p. 270-272.

¹³ BONHOEFFER, Dietrich. *Letters & papers from prison*. London and Glosgow: Fontana Books, 1959.

¹⁴ BONHOEFFER, 1959, p. 7-11.

¹⁵ BONHOEFFER, 1959, p. 49.

rejeitava também a religião má radicalmente, mesmo a cristã ¹⁶. As análises de Thils levam a entender que Barth polariza, e também Bonhoeffer em *Resistência e Submissão*, importando muito, também para este, a “santificação” e ficando em desfavor a “expressão”: um cristianismo religioso deveria ser superado, como que em analogia com a caduca circuncisão ou com um ‘deus ex machina’.¹⁷

No campo de concentração o prisioneiro dorme no chão e no escuro: há que ter coragem para suportar sem reclamar, e a leitura da Bíblia favorece tal resistência. Resistência parece ter então um sentido mais místico, quase estoico. O orgulho se vai embora, diz uma carta, e Bonhoeffer aprende quanto deve a outros de gratidão!. De modo abertamente crítico, confia que une o que ele é em si mesmo junto com o que fazem de violência contra a gente. Resiste sereno, até, mas espera sair em breve: como será o Natal de 1944? É a pergunta a um amigo. Ele vê gente em pânico na prisão, e logo depois trata de que se deve ter um objetivo, um alvo fixo, deve conservar a paz e a alegria e ter direção, não exibir-se, mas manter a coragem que vem da graça de Deus. E de repente se vê consolando outro, um líder regional e orador de distrito que, com grande comoção, lhe fica extremamente agradecido. Aprende muito com o defrontar-se com novas e estranhas situações; luta, porém, com o medo, pois tudo ali é horrível e, sem facilmente prever, ainda tenta acreditar que em pouco sairá da prisão.¹⁸ Evidentemente, em circunstâncias muito especiais, o prisioneiro tem de pensar em si mais que nos outros, e, contudo, vai aprendendo a abrir-se.

O testemunho de Dom Oscar Romero, mártir por ter ficado a servir o seu povo espoliado, e, sobretudo, lavradores e índios despossuídos. Pareceu ter sido eleito arcebispo para pacificar as velhas situações de resistência do povo, em favor da burguesia dominante; junto ao esquife, quando, no velório, viu morto o padre Rutílio Grande, decidiu que tinha de fazer coisas mais concretas e logo passou a se comunicar de modo novo com todo o Clero e com as comunidades. Chegava a angustiar-se porque a luta da arquidiocese pelos direitos humanos parecia resultar em pouco, e porque devia diariamente sair ele mesmo a correr atrás de desastres e recolher feridos e mortos. O “bispo do povo perseguido” nunca desanimou e ficou presente como Pastor, junto das cruzes do seu povo; literalmente voz dos

¹⁶ THILS, 1969, p. 28-31.

¹⁷ THILS, 1969, p. 30-39.

¹⁸ BONHOEFFER, 1959, p. 49-54.

sem voz, entre reprovar os opressores e consolar quem chorava e quem combatia; sua vida, então, foi acompanhada de perto pelo Padre Ellacuría, depois também assassinado, e por Jon Sobrino, seu teólogo e seu discípulo, o qual escreve: “Nos crucificados da história se lhe estava presente o Deus crucificado”¹⁹. Duas semanas antes do final, confessara numa pregação a sua fé: “se me matarem, ressuscitarei na vida do meu povo”. A bala de um assassino contratado o eliminou quando ele iniciava o ofertório da Missa em San Salvador; o seu sangue se derramava junto do altar.

Deve ser lembrado que, de outro ponto de vista, a partir da *fides qua*, ou da experiência pragmática que precisa de ver resultados, a luta e martírio em El Salvador, especialmente na segunda metade do século XX, enobreceu a religião como promotora de ação libertadora concreta e autenticamente humana; para um grande grupo, não se mostrou em nada alienante. Isso foi claramente reconhecido por Michel Löwy, marxista sincero com a realidade.Moltmann recordou também Paul Schneider, que protestou até o fim da vida, quando, já como um trapo humano, ainda contestava pelo direito de resistir à ordem de extradição; da fato, saíra do País, mas voltou logo.... e Michel Löwy (a obra *A guerra dos deuses*, 2000). São exemplos de quem “amou até o fim” e ficaram próximos de Jesus. De certo, não buscaram a sua salvação, mantiveram-se firmes na profissão da fé, tiveram fé como a de Jesus, entregaram-se ao Pai.

A religião é fonte de “progresso” – o homem avança para “águas mais profundas”, pode contemplar Jesus mais de perto, pois que ele, graça do Pai, a cada vez se oferece novamente; cresce o Reino e os irmãos se confraternizam, perdoam uns aos outros, se tornam graça também e voltam à obediência do Pai de todos (filho pródigo). O Samaritano se torna exemplo por não fazer discriminação e doar muito de si. Em todo sentido, se realiza a proposta de espiritualidade de que é rica a obra do jesuíta Jon Sobrino; não é a ele, o teólogo Sobrino, que destacamos - nem o quer ele mesmo –, destacamos um cristão cheio de espírito e do Espírito. O exemplo vivo de Dom Oscar Romero, no seu perfil e espírito, sempre tem orientado Sobrino na vida e na maturidade teológica, como tem animado o projeto popular de vida cristã em El Salvador.

Daí a importância, sem falsas presunções, de figuras paradigmáticas, as quais muitos agradecem. Interessante, inclusive como adesão, a figura do Bispo mexicano metodista Dom

¹⁹MOLTMANN, 1993, p. 274.

Medardo Gomes. Seu testemunho também trouxe luz para a compreensão da realidade no pequeno El Salvador. Trata-se de um coração universal, aberto a nova fraternidade e também a mais evangélica aproximação entre as Igrejas, entre as comunidades eclesiais. (NOTA: pouco após aquele martírio, o Bispo metodista de San Salvador escreveu: “Dom Romero já deixa de ser um patrimônio exclusivo da Igreja irmã católica e romana e se converte em nosso bispo universal, em Santo Oscar Romero da nossa América”.²⁰)

Animação ao debate/diálogo na fenomenologia: por graça, sinceros com a realidade

A questão exigente do “círculo hermenêutico”: há uma circularidade fundamental entre graça de Deus e ação das pessoas e das comunidades. Isto é, os dois elementos, fundamentais para fazer uma totalidade, devem estar dialeticamente colocados diante um do outro; possível mas não necessariamente, porque somam ou se opõem – de certa maneira se pode dizer que há uma complementaridade, já que de diálogo e de debate se deve tratar. A circularidade tem sido apresentada no sentido de uma abertura ao novo, e se diz, abertura a uma nova palavra que ofereça novas contribuições em vista de conhecimento ou de formulação de melhores opções. Usa-se tratar também de interlocução, e disso nunca se escapa de modo absoluto. A consideração do “círculo hermenêutico” se faz importante, mesmo que não claramente nomeado (Heidegger, Ortega y Gasset, Xavier Zubiri, Jon Sobrino, Juan Luís Segundo) ajuda a construir coerente e aceitavelmente os pressupostos filosóficos para uma existência autêntica e seriamente humana e cristã. Aborda fundamentalmente as ciências humanas, pois cabe a estas, em geral, dirigir o processo de busca das reais relações entre pessoas e grupos, comunidades ou nações.

Jon Sobrino, no seguimento das reflexões de Zubiri e de Ellacuría, tratou de situações – até limite – em que se é solicitado pela realidade a dar a vida, e não somente dar da vida, o que então aproxima da *martyria*. Numa leitura que dialoga com a física ou a psicologia, Luís Segundo chama a atenção para a “perda de energia”: perder energia é processo de quem adota a perspectiva do serviço, com risco, ao outro. E não é processo que todos adotam, é uma coisa para minorias, não para as massas; nem todos correm a entregar-se com perda

²⁰VALE, A. M. *Ressurreição, conflito e insurreição em Jon Sobrino*. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1995. p. 284.

própria. E ele assim escreve, de modo que até se aplica à teologia e à pastoral: “Ciência humana em boa base exige falar desse dispêndio de energia”.²¹

O círculo, entre os cristãos, prontos sempre a tratar de tradições, também deve ser relido em termos de passado e presente, presente e futuro. Assim se dá conta de questões religiosas e éticas de relevância igualmente. Relendo-se Luís Segundo, se vê como a fenomenologia contribui validamente para fazer pessoas e comunidades vigilantes frente às polarizações, porque se animam na busca de profundidade, no encontro com o novo sem abandonar o antigo e vice-versa (Paulo Freire), no valorizar tradições que até se acham ativas nas culturas (Rüsen); afinal, contribui para valorizar adequadamente a riqueza da tradição religiosa e das Escrituras. Nova profundidade alcançada pode facilitar a entrega ao amor, um serviço mais autêntico na sociedade, atenção à causa da justiça, o amadurecimento no seguimento de Cristo.

Um convite aos cristãos todos a uma fidelidade ao social

Um debate religioso intracristão na sinceridade com a realidade. Nalguns católicos se encontrou um ponto de vista de modo geral aberto: Zubiri, Ellacuría, Sobrino. O inalienável tema da Cruz força sempre a novo debate e diálogo. E também de dentro do protestantismo se descobriu a necessidade de melhor crítica, possibilitada pela teologia da cruz resgatada de Martinho Lutero; interessante ver o testemunho de J. Moltmann quanto a essa crítica, conforme o seu caminho de receios ante o otimismo norte-americano (que usavam mal a sua *Teologia da Esperança*) para a teologia da Cruz em Martinho Lutero (as novas e esclarecedoras motivações em *O Deus Crucificado*).

Apoiados em Moltmann, se pode bem retomar a discussão sobre fé e obras, para então desembocar, sem romantismo nem forçadas abdições, no diálogo que se vai tornando produtivo a partir do diálogo do Papa João Paulo II com o Conselho Mundial das Igrejas. Por aí, se pode reabrir uma porta, não mais uma brecha apenas, para a teologia progressista e da libertação, devidamente centrados na afirmação neotestamentária de que o Ressuscitado é o Crucificado.

Como ficam os católicos ante a exigência evangélica? A existência de Jesus de Nazaré lembra a impositividade do real ao ressaltar que os pobres e pecadores são os preferidos de

²¹ SEGUNDO, Juan Luis. *Libertação da Teologia*. São Paulo: Loyola, 1978. p. 246.

Deus. Trata-se de um humanismo? Não um humanismo qualquer; não é o da Renascença. Do outro lado, é importante refletir sobre a questão dogmática. Os docetismos vários ocultam os “interesses” desde o início da era constantiniana: desde então reis e seus cavaleiros, apoiadores vários do Estado, suprimem as reivindicações das camadas populares.

Muitos grupos das elites não querem ouvir dizer estarem longe do povo; as elites de esquerda chamadas de “vanguarda” e que se fazem de verdadeira consciência da massa. Quanto a isso, deve permanecer uma advertência a muitas lideranças católicas.

Também há problemas entre os protestantes em geral, sempre procuraram buscar reformas, e, levados pela ciência nova se deixaram prender a propaganda da nova burguesia. Quiseram liberdades, mas sem admitir perda energética, isto é, não quiseram o risco de conflitos e morte. Quiseram excluir o “científico”, mas as ciências humanas se ligaram a um “espiritualismo” mal entendido, e descuidaram de melhores análises e opções políticas, descuidaram do gasto de energias para conduzir eleitores nas democracias.²²

O círculo hermenêutico de Juan Luís Segundo (em *Libertação da teologia*) apresentou o elemento religioso como incisivo e impreterível, e, contudo, deve ser analisado. Julian Marías, por sua parte, ensina analisar a “natureza” e também o “indivíduo” que é social.²³ A questão da Reforma, se se atentar ao círculo hermenêutico, também obrigará a examinar qual o verdadeiro sentido da Renascença, por que não mais Aristóteles, por que somente Platão, por que esconder o plotinismo? As implicações são muitas, e muitas pesquisas estariam hoje exigindo maior aprofundamento.

E o problema da relação com os pentecostais? Que dizer sobre sua indiferença ou absenteísmo diante de problemas sociais e conflitos históricos? O romantismo de suas posições, de um lado e de outro, a busca de abordar o social, muita vez frustrada e frustrante.

Permite-se trazer o testemunho de uma experiência característica, a experiência de Ricardo Gondim,²⁴ para relacioná-lo com desejos de ecumenismo. Conseguiria ele praticar um ecumenismo que envolvesse protestantes, evangélicos e também católicos? Por onde andariam posições de amadurecimento? Como discutir, especialmente com pentecostais a

²² SEGUNDO, 1978, p. 246-247.

²³ MARÍAS, Julián. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Duas Cidades, 1966, p. 236-237.

²⁴ Ricardo Gondim, líder da Igreja Betesda de São Paulo, que a muito tem se aproximado da teologia da libertação, exercendo interessante crítica social e pondo-se contra o movimento pentecostal mais conservador.

politização necessária e os excessos partidários das comunidades? Como animar líderes para o serviço autêntico e dispô-los a “perder energias”?

Existem problemas entre os próprios pentecostais e fica convite para o próprio questionamento. É preciso continuar, por que, de um lado se procura a fidelidade de um grande amor, e de outro lado se situa o fundamentalismo, que leva ao ceticismo contra a religião e prejudica o projeto de fé e de Reino.

A situação atual de Gondim diante do pentecostalismo indica a validade de várias críticas de tipo religioso e sociológica, até bem fundamentadas numa reta Teologia da Libertação. Um futuro diálogo poderia talvez apontar novas possibilidades de influência dele sobre outros pentecostais. Por fim, para o apresentar melhor finalmente, Gondim pode ser citado verbalmente: “Os prodígios de Deus se mostram no serviço, no amor solidário e na compaixão. A mensagem de Jesus objetiva revelar que as mãos e os pés divinos se tornam as mãos e os pés dos que se doam na dor alheia”.²⁵

Considerações Finais

Subsiste um convite a fraternidade entre pessoas e também ao encontro positivo e evangélico entre teologia e povo. Respeito mútuo na pluralidade de posições. Respeito ao ritmo lento da história e das comunidades. Sugere-se inserir, com debate sincero, as contribuições das várias ciências humanas, não só as contribuições da teologia. Sugere-se abrir-se a uma racionalidade unidade com amorização. Para todos os cristãos, este trabalho coloca a proposta de considerar a circularidade entre fé e vida, e daí poderá brotar nova e cristã alegria, a sóbria alegria de ser graça para o mundo.

Referências

BONHOEFFER, Dietrich. *Letters & papers from prison*. London and Glosgow: Fontana Books, 1959.

DUBY, Georges; MANDROU, Robert. *Histoire de la civilisation française*. Saint-Michel: A. Colin, 1968.

²⁵ GONDIM, Ricardo. Mercadores de milagres. <http://www.ricardogondim.com.br/meditacoes/mercadores-de-milagr/> acesso em: 10/08/2014.

- CALDEIRA, Alejandro Serrano. *Filosofia em crise: pela filosofia latino-americana*. Petrópolis: Vozes, 1985.
- FAUS, José I. Gonzáles. *Proyecto de Hermano: Visión creyente del hombre*. Santander: Sal Terrae, 1991.
- GONDIM, Ricardo. Mercadores de milagres.
<http://www.ricardogondim.com.br/meditacoes/mercadores-de-milagr/> acesso em: 10/08/2014.
- HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- KUNG, Hans. *Ser cristão*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LORTZ, Joseph. Reforma protestante. In: *Enciclopedia teológica Sacramentum Mundi*. Barcelona: Herder, 1974. V.5. p. 838-879.
- LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: Religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MARÍAS, Julián. *Introdução à filosofia*. São Paulo: Duas Cidades, 1966.
- MOLTMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- _____. *Teologia da Esperança*. São Paulo: Herder, 1971.
- MONDIN, Battista. *Os grandes teólogos do século vinte: os teólogos protestantes de ortodoxos*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- MORENTE, Manuel García. *Fundamentos de filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1980.
- SEGUNDO, Juan Luis. *Libertação da Teologia*. São Paulo: Loyola, 1978.
- SILVA, Elizete da. *Protestantismo ecumênico e realidade brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana*. Feira de Santana: UEFS, 2010.
- SOBRINO, Jon. *A fé em Jesus Cristo: ensaio a partir das vítimas*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- THILS, Gustave. *Cristianismo sem religião?* Petrópolis: Vozes, 1969.
- VALE, A. M. *Ressurreição, conflito e insurreição em Jon Sobrino*. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, São Paulo, 1995. p. 352.